

COLETE ENCARNADO 2013

5 · 6 · 7
JULHO



Vila Franca de Xira

Organização



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Patrocínio



Apoio



QUINTA – FEIRA, 4 DE JULHO

20h00 Jantar das Tertúlias . Fado com Diamantina
Mercado Municipal

SEXTA – FEIRA, 5 DE JULHO

11h00/13h00 Animação Itinerante com Cavalinho Rá-Pá-Pum .
Mercado Municipal e Largo da Câmara
18h00 Espera de Toiros seguida de largada
20h15 Desfile de Tertúlias e Coletividades até ao Largo Conde
Ferreira, para a Missa *Rociera* . Concentração: Largo da Câmara
20h30 Missa *Rociera* com *Coro Rociero Puente Real* . Igreja Matriz

Noite de Música e Animação nas ruas da cidade:

21h30 Fadistas de Vila Franca de Xira nas escadarias da Igreja Ma-
triz. Segue-se passagem pelas tertúlias.
22h00/02h00 Animação Itinerante (passagem pelo Largo da Câ-
mara, Largo Telmo Perdigão, Mártir Santo e outros locais)
Zés Pereiras «Os Amaranthinos» . Bandinha da Amizade . Bandinha
do Oeste . Bandalhada . Os Carambolas . Carlos Alberto Moniz
“Cantar Poetas”

Palco Mártir Santo

22h30/23h30 Marta and the Motors . Motorcycle Rockers

Palco Av. Pedro Victor

23h00/00h30 Rosa Negra
01h00/ 02h30 Lucky Duckies
03h00/ 05h00 Festa Anos 90 (com André Henriques - RFM)

Palco Largo da Misericórdia

23h00 Banda Bandalhada do Ateneu Artístico Vilafranquense
23h30/01h00 Espetáculo com o grupo “Alma Flamenca”
01h00/02h00 Fado com Fadistas de Vila Franca de Xira.

Palco Sevilhanas.Com (Rua Dr. Manuel de Arriaga)

20h00 Sevilhanas.Com
21h30 T:Steps Academia – Danças de Salão, Jazz e Hip Hop
22h30 Las Guapas – Academia Art & Dança
23h00 Taconeo – Grupo de Flamenco Júnior
23h30 Fuego & Flamenco
00h30 La Vintage
02h00 Temporá

SÁBADO, 6 DE JULHO

09h00 Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano
Jardim Municipal

10h00 Concentração de Campinos e Deposição de uma coroa
de flores no Monumento ao Campino . Av. Pedro Victor

10h30 Corrida de Campinos . Praça de Toiros Palha Blanco

10h30 Inauguração do Monumento de Homenagem ao Cais da
Jorna, da autoria do escultor João Duarte . Cais de Vila Franca de
Xira

10h30/11h30 Animação musical “Camisas Negras” . Mercado Mu-
nicipal

10h30/11h30 Concerto com a Banda do Ateneu Artístico Vila-
franquense . Largo da Câmara Municipal

11h45/12h15 Animação musical “Camisas Negras” . Largo da Câ-
mara Municipal

13h00 Chegada do XI Cruzeiro da Moita / Vila Franca de Xira/
/ Moita . Concentração de barcos tradicionais no Cais de Vila
Franca de Xira . Jardim Municipal

16h00 Homenagens ao Campino e ao fundador do Colete En-
carnado, José Van-Zeller Pereira Palha, seguidas de Desfile de
campinos, cavaleiros, amazonas e tertúlias pelas ruas da cidade
. Largo da Câmara Municipal

17h30 Sevilhanas.Com - Infantil e Juvenil . Palco Sevilhanas.Com
(Rua Dr. Manuel de Arriaga)

18h30 Espera de Toiros seguida de largada

19h30 Sevilhanas do Clube Taurino Alenquerense . Palco Sevilhanas.
Com (Rua Dr. Manuel de Arriaga)

22h30 Noite da Sardinha Assada - Postos públicos

Rua 1.º de Dezembro, Rua Almirante Cândido dos Reis e Rua Serpa Pinto

02h00 Garraída da Sardinha Assada . Praça de Toiros Palha Blanco

03h30 Distribuição de Caldo Verde Rua 1.º Dezembro

Noite de Música e Animação nas ruas da cidade:

20h30 Fado com fadistas de Vila Franca de Xira - passagem pelas
tertúlias.

Palco Mercado Municipal

22h00/02h00 Música popular portuguesa Flor de Chá . Flor do Trevo
. Folha Verde . Grupo Coral «Unidos do Baixo Alentejo».

Palco Largo da Misericórdia

22h00/23h00 Xirabass

23h30/01h00 Espetáculo “Hora e Meia de Lusofonias” com Car-
los Alberto Moniz (Canta os poetas Portugueses e Lusófonos)

01h30/02h30 Animação Musical com Jota Jota – O Fadista Humo-
rista

Largo da Câmara Municipal

22h00/02h00 Animação Itinerante (passagem pelo Largo da Câmara, Lar-
go Telmo Perdigão e outros locais) Zés Pereiras «Os Baionenses».Camisas
Negras . Tintus Band . Fanfarras dos Abades . Pilha Galinhas . Xira
Brass

Av. Pedro Victor

22h30/24h00 Ciganos d’Ouro

00h00/00h15 MK Show (showdance de danças latinas)

00h15/01h00 Espetáculo «Vientos Flamencos com Alberto Sellés
y Conchi Murcia» by Sevilhanas.Com

01h00/01h15 MK Show (showdance de danças latinas)

01h15/02h45 David Antunes & The Midnight Band

02h45/03h00 MK Show (showdance de danças latinas)

03h00/05h00 Sonido Andaluz

Palco Mártir Santo

22h30/23h30 Fado com Diamantina

23h30/00h00 Grupo Ribatejano com Fado Tradicional e Melrinho
Cantante

00h15/04h00 Baile com Quim Botas Trio Softband

Palco Sevilhanas.Com (Rua Dr. Manuel de Arriaga)

20h00 Escola de Sevilhanas Penedos de Alenquer

20h30/21h00 Beliche

22h30 Strangers

01h00 Barking Dogs

DOMINGO, 7 DE JULHO

09h00 Partida de Vila Franca de Xira do XI Cruzeiro da Moita/ Vila
Franca de Xira / Moita . Jardim Municipal

09h00 Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano
Jardim Municipal

10h30 Espera de Toiros seguida de largada

16h30 Folclore. Grupos Folclóricos do Concelho . Largo da Câmara
Municipal

16h30/19h00 Animação infantil «Festas Animadas» (modelagem
de balões e pinturas faciais) . Jardim Municipal

18h00 Corrida de Toiros . Praça de Toiros Palha Blanco

18h30 Sevilhanas Beira Mar de Almada . Palco Sevilhanas.Com (Rua
Dr. Manuel de Arriaga)

19h00 Academia de Dança Vanessa Silva . Palco Sevilhanas.Com
(Rua Dr. Manuel de Arriaga)

Noite de Música e Animação nas ruas da cidade:

Palco Sevilhanas.Com (Rua Dr. Manuel de Arriaga)

21h00 Sevilhanas.Com

Palco Av. Pedro Victor

22h00/23h00 Fado com José Perdigão e Fadistas de Vila Franca
de Xira

Encerramento

24h00 Fogo de artifício no Tejo . Jardim Municipal

Colete Encarnado em direto na TV

Dia 6 (sábado) 14h00 - 20h00 RTP 1 Largo Marquês de Pombal (junto à Estação da CP)

Dia 7 (domingo) 14h00 - 20h00 SIC “Portugal em Festa” Jardim Municipal Constantino Palha



Maria da Luz Rosinha
Presidente
da Câmara Municipal

Colete Encarnado 2013

Bem-vindos a Vila Franca de Xira

Há 81 anos que o início de julho traz consigo o Colete Encarnado. Porém, o espírito da Festa Maior de Vila Franca de Xira começa bem mais cedo: ele faz-se sentir no momento de engalanar as ruas, decorar as varandas e as montras, de erguer as tranqueiras, para uma celebração que marca as nossas tradições e a nossa identidade.

A Homenagem ao Campino ganha este ano uma outra expressão e dimensão, com a abertura ao público, a 28 de Junho, no Celeiro da Patriarcal, da Exposição "O Campino – Imaginários de Uma Identidade". É este o momento que marca o arranque duma semana repleta de atividades em torno da Cultura Tauromáquica, deixando toda a cidade em Festa ao longo de 10 dias: desde 28 de Junho até 7 de Julho.

2013 assinala também um momento muito especial em que, a par da figura do Campino, iremos também fazer a justa homenagem àquele que foi o fundador do Colete Encarnado: José Van-Zeller Pereira Palha.

Um homem desde sempre dedicado à terra, mas acima de tudo, alguém à frente do seu tempo, que graças à sua visão e capacidade de intervenção na vida social, deu um contributo tão importante para a nossa cultura, que perdura até aos dias de hoje.

A animação musical estará presente em toda a Cidade, num programa muito diversificado que certamente será do agrado de todos.

É este espírito de Festa e alegria que caracteriza Vila Franca de Xira nestes dias de cultura e tradição, e é com ele que vos recebemos com especial prazer.





*A caminho dos Paços do Município,
no n.º 48 da rua José Dias da Silva,
encontramos a tertúlia “O Natural”.*

*Uma ode a todas as figuras da cultura tauromáquica,
mas sobretudo às da terra e àquele a que estes tertulianos atribuem
a expressão máxima da cultura taurina: o toureiro a pé.*



Procurar as raízes da Tertúlia é encontrar um grupo de amigos, entusiastas da arte de tourear, que em 1994 comungavam da mesma vontade de confraternizar, promovendo a festa brava. Havia, ainda assim, o desejo de celebrar “Os Jantaristas”, uma tertúlia que marcou Vila Franca de Xira no século passado (com sede no pátio do “tio Marciano Casquinha”) e cuja memória pretendiam referenciar.

É assim, com este intuito, que João Perdigão avança para a compra de uma casa, ali bem perto do centro das emoções, onde decorre a Homenagem ao Campino, momento solene do Colete Encarnado. Foi então tempo de usar o desocupado rés do chão e recheá-lo com peças todas elas pautadas pelo espírito aficionado. Fundada no primeiro dia de julho de 1994, bem enquadrada na maior festa do Concelho, a Tertúlia veio reforçar a amizade dos seus mentores: João Perdigão, Carlos Santos “Dinhas”, Luís Rocha “Pencas”, Joaquim Lobo, Paulo Murinho “Minalho”, José Constantino “Ibraim”, Fernando Coquenim e Paulo Teles “Cigano”. Os fundadores fazem questão de frisar a importância da colaboração do Maestro Mário Coelho que, a título de empréstimo, cedeu algumas peças para aquela ocasião especial. Agradecem também a ajuda de Carlos Bernardes “Camané”, Vítor “Sarda” e, ainda, a de todos os Vila-Franquenses, porque o pequeno espaço físico em nada se assemelha ao espaço no coração.

Tourear a pé em foco

O mote para a designação da tertúlia foi, desde logo, consensual. Deveria constituir-se dos valores e da paixão que partilham pelo tourear a pé. Assim, do léxico tauromáquico, foi escolhido “O Natural”, uma das sortes mais artísticas do tourear a pé, que muitos aficionados consideram exigir um portentoso manancial de técnicas e destrezas. Um passe de

elevado risco em que o matador toureia com a mão esquerda. A decoração do espaço versa também esta preferência, bem como a defesa da corrida de toiros integral (toiros de morte), patentes no próprio chão da Tertúlia. A cor amarela, as raias, a flor e a *montera* ali pintadas remetem, dizem, para o que lhes “vai na alma com respeito ao tourear a pé”. Mas, todo o interior revela paixão e dedicação. Momentos e ícones do universo tauromáquico enchem as paredes, em fotografias a preto e branco, a cores, em artigos de imprensa sobre corridas abrilhantadas pelas melhores reses e de onde toureiros saíram memoravelmente triunfosos. Podemos apreciar utensílios campesinos ligados ao toiro e ao cavalo e inúmeras gravuras e quadros, ofertas de artistas das exposições ali mesmo decorridas. Destas obras consideram o seu símbolo uma obra a tinta da china, do pintor Vila-Franquense José Noel Perdigão, que ilustra precisamente o tema principal da Tertúlia. Também uma referência particular para um traje de *lucos* do famoso taurino Vila-Franquense António Carvalho, popularizado com a alcunha de “Galinha”, e que consideram a verdadeira relíquia de “O Natural”. Todo o espólio resulta da oferta espontânea de muitos aficionados, toureiros e pintores.

É evidente o forte laço afetivo pelos membros tertulianos que já partiram. São evocados em conversas mas também em fotografias: “os amigos Dinhas e Fernando, Sérgio Galinha, Diamantino Tomás



Pirolito, Bacatum, Manollo das Broncas e tantos outros da velha guarda” com quem “tanto aprendemos na sabedoria do ser e do saber confraternizar”, explica-nos João Perdigão. Também não esquecem o apreço pelos Forcados Amadores do Ribatejo e a irmandade de Nossa Senhora do *Rocio* de Córdoba com quem “têm partilhado noites bonitas e interessantes”.



“Tertulianos residentes”

Assumindo-se uma tertúlia de abertura pública, o seu funcionamento fica, no entanto, condicionado por alguns fatores. Mas, para estes tertulianos, é impensável não fazer parte das festas taurinas da Cidade. Está na essência de cada um. Ao Colete Encarnado chamam “Festa Rainha” e são “tertulianos residentes”. Integram o roteiro das tertúlias a cada edição do evento. Nos últimos tempos reúnem para almoço de Colete Encarnado com a equipa de futebol (Infantis) do Vilafranquense (através de João Francisco) e respetivos pais. Depois é a vez da grande Noite da Sardinha Assada com grande dose de amizade e de bem receber. Encanta-os no Colete as conversas taurinas que enchem de vida a casa e os amigos e familiares que ali têm lugar cativo. E há sempre quem passe e espreite levado pela curiosidade e também quem entre, pois o convite nunca tarda. Sente-se um “magnífico ambiente taurino”, defende João, é tudo vivido com intensidade, “somos apaixonados pela nossa terra, vivemos a Festa com orgulho, satisfação e emoção”. São três dias que a voracidade do tempo leva, deixando memórias especiais, como aquele burburinho tão familiar, os sons que reconhecemos dos dias e noites de



Colete Encarnado. Desde as esperas de toiros às corridas na Praça Palha Blanco fazem questão de participar e fomentar a sua divulgação. Mais tarde, com a chegada da Feira Anual, em outubro, volta a festa à tertúlia, o vigor e o fulgor nas conversas e patuscadas.

A defesa da cultura taurina

Os membros de “O Natural” defendem a partilha destes espaços peculiares e únicos que são as tertúlias, com o público. Para que este possa “viver e participar deste riquíssimo património”, onde está representada grande parte da identidade do Concelho. “É necessário aprendermos a redescobrir o encanto das tradições” que, por vezes, teima em esconder-se para alguns, diz-nos João Perdigão. Passar de geração em geração os valores da Arte.

Na opinião do grupo, a extensa e “rica Taurocultura Vila-Franquense deveria ser servida por um Centro de Interpretação Tauromáquico, acrescido de um Museu, que provavelmente iria favorecer a nossa terra, região, todos os aficionados e gentes ligadas a esta arte, dando assim expressão e igualmente forma a Vila Franca de Xira, para que a Unesco possa designar a Festa Brava como Património Imaterial da Humanidade em Portugal”.

“O Natural” promete continuar a promover, junto de tertulianos e visitantes, “o espírito que deve presidir, especialmente à Festa Rainha e à Feira Anual: uma relação fraterna, amiga e informada dos valores e tradições da nossa terra e das nossas gentes”.

50 anos a honrar o Colete Encarnado

Há 58 anos, Lisboa foi o seu berço. Mas a relação com a Capital foi frívola. Passado o período de resguardo, a mãe trouxe-o para casa, no Porto Alto (concelho de Benavente), de onde não mais saiu. Em boa verdade, São Sebastião da Pedreira apenas determinou a sua naturalidade. A sua paixão de viver, o âmago da sua vida proveio sempre da terra, do campo, dos cavalos, do manejo do gado bravo. Posta à prova várias vezes ao longo de mais de cinco décadas, a dedicação ao ofício nunca foi abalada ou até mesmo beliscada. Vencida a dureza do campo, a adversidade das funções, a sua experiência e sabedoria vão ser distinguidas em Vila Franca de Xira. Lúcio Perinhas Batista é o Campino Homenageado das Festas do Colete Encarnado de 2013.



Começou aos oito anos, montado num burro

Conhece o caminho para a Herdade da Palhavã, no Porto Alto, atual exploração do efetivo da Ganadaria Casa Prudêncio desde que começou a dar os primeiros passos. Aos oito anos já lá dava uma ajuda. Aos 14, passou a ser funcionário da casa e assalariado. Nesta altura já lidava com o gado a cavalo, mas até então era montado num burro. A mestria em cima da sela já era notória naquela tenra idade. “Comecei a montar a cavalo no burro aos oito anos e conseguia trabalhar com ele, só que os outros quando chegavam com o gado, eu ainda vinha a meio caminho. Depois o meu patrão, o Teodoro Prudêncio, achou graça a eu andar a cavalo aí com eles e deu-me trabalho”, disse o encarregado da Herdade da Palhavã, recordando os tempos em que ingressou na carreira da campinagem.

O benjamim da família Batista, composta por nove filhos, começou cedo a acompanhar o pai, guarda na Companhia das Lezírias, que visitava amiúde o amigo “Zé” Teixeira, maioral da Casa Agrícola Prudêncio. Quando chegou a altura de cumprir com as obrigações escolares, a mãe, camponesa, providenciou a matrícula, mas não conseguiu garantir que o filho se compromettesse com os estudos. A paixão pelo campo, pelos toiros venceu. O pequeno Lúcio fugia logo que podia da escola e o destino era sempre a Herdade da Palhavã. “A minha mãe batia-me, mas não adiantou de nada”, disse resignado.

O balanço final desta aventura foi negativa para a sua literacia, mas o desinvestimento nesta área reverteu diretamente para o enriquecimento do ofício, arte centenária das planícies Vila-Franquenses. Perdeu-se um estudante, mas ganhou-se um campi-



no exímio. Com reduzida frequência às aulas da antiga 1.ª classe, não conseguiu aprender a ler, défice sobre o qual, o encarregado da Casa Prudêncio, não deixou transparecer qualquer arrependimento “quis seguir esta vida, nunca trabalhei noutro sítio e nunca quis sair daqui. Afeiçoei-me a isto”, disse com manifesta certeza.

Há 45 anos a lidar os toiros Prudêncio

Está desde 1968 ao serviço da Herdade da Palhavã, apenas esteve fora daquelas terras cerca de 15 dias, altura em que foi prestar o serviço militar, obrigatório à época, para Évora. “Fui à tropa tão pouco tempo, porque, na altura, o meu patrão mandou uma carta justificando que eu era o amparo de mãe e lá fui dispensado. Isto porque o meu pai tinha morrido quando eu tinha apenas oito anos de idade, com um AVC. Sou funcionário desta casa há 45 anos”, concluiu orgulhosamente. A dedicação ao ofício e à Casa Prudêncio também se demonstram pela disponibilidade que apresenta para as tarefas inerentes ao trabalho: “Levanto-me às 6h e deito-me por volta das 23h. Trabalho sempre que é preciso, mesmo de noite,



de segunda a domingo, porque não tenho ninguém a quem deixar isto. Trabalho à jorna com um rapaz, mas não é campino, faz tudo com máquinas, não monta. Ajuda-me a tratar do gado, a tratar das vedações, mas lidar a cavalo com o gado bravo, não consigo. Mas, não me sinto cansado. Tenho 58 anos e quero fazer esta vida até morrer”, vaticinou o Campino Homenageado 2013 acerca do seu futuro.

Toiro mandou-o para o hospital. À volta, continuou a enjaular

Foi com resiliência que enfrentou todas as adversidades inerentes à vida do campo, o trabalho com animais selvagens. Um dos episódios memoráveis foi “há 30 anos, apanhei uma grande tarefa de um toiro. Despiu-me todo na manga, fui parar ao Hospital de Vila Franca de Xira e fui todo cosido. Estava a enjaular o toiro, este voltou para trás e o cavalo descarregou-me mesmo na cara dele. Estava um encarregado ao pé que com o trator tirou-me o toiro de cima. Fui cosido na cara, pernas e tronco, costelas, levei uma grande tarefa. Mas, quando vim do hospital, ainda o ajudei a enjaular e montado no mesmo cavalo. O Joaquim Trancas, que

Deus já o tem, e o filho, o picador, (eram eles na altura que vinham ajudar-me) continuavam a ter dificuldades em enjaulá-lo quando voltei de Vila Franca de Xira e por isso ainda os fui ajudar. Aquilo não me fez desistir. Não tenho medo, quando morrer, morri”, terminou em tom afoito.

É fundamental um bom jogo de cabrestos

Acrescentou ainda que para o maneio do gado bravo é fundamental “um bom jogo de cabrestos. São muito importantes para o trabalho do campino. Sou eu que arranjo os da casa. Levam seis a sete meses a arranjar. Primeiro treinamo-los sozinhos com os cavalos, pela manga fora, no fim de estarem bem domesticados, levamo-los aos toiros. Os que tenho agora têm cinco anos e estão no ponto para trabalhar, por isso não me vou desfazer tão depressa deles. Mas quando o patrão decide também os vendemos, nomeadamente para *encierros* em Espanha”.

Continuou dizendo: “Aconteceu muita coisa ao longo da minha vida. Uma vez fui à Feira da Azambuja e fugiu um cabresto, furou à manga, ao António Carniça. Eu pus-me pela estrada fora, todos gritavam por mim: ‘Olha que tu matas-te no meio dos carros!’. Na altura eu tinha um belo cavalo, agarrava-se bem ao alcatrão. Eles até ficaram admirados com ele. Foi um grande cavalo. Chamava-se Maravilha. Trabalhei com ele 20 e tal anos, até ele não poder das mãos. Era ferro da casa, nasceu aqui comigo. Depois lá consegui parar o cabresto e conseguimos trazê-lo”, recordou triunfante.



O segredo está na calma

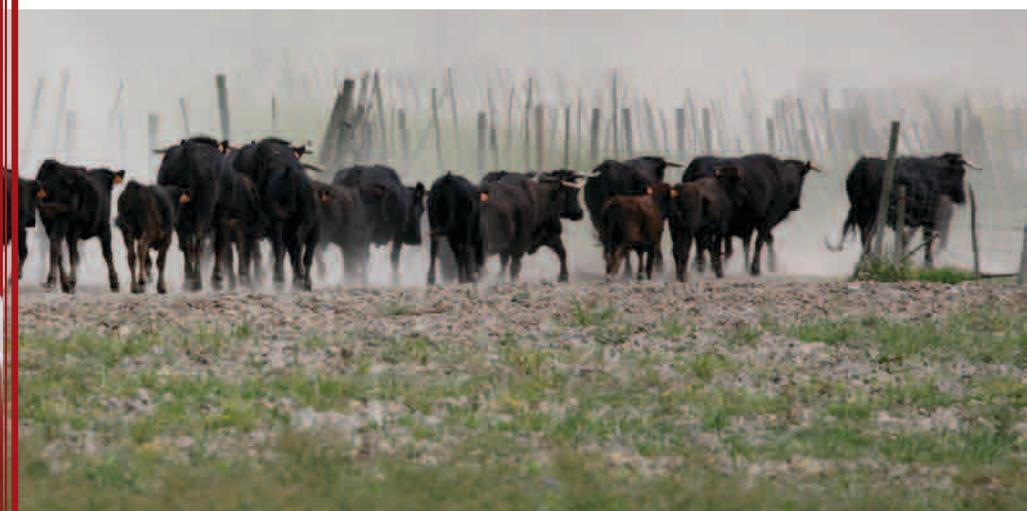
Responsável por um efetivo de 315 cabeças de gado bravo (100 bezerros, 125 vacas de ventre, 90 garraios e toiros), o segredo deste homem é ter calma. “Quando é para apartar toiros é preciso ter muita calma, porque há uns que vêm imediatamente, mas há outros que querem é marrar. Às vezes são precisas duas a três horas porque eles não querem vir. Quando são assim até saltam aos arames, partem as vedações todas. Mas, com calma, faz-se tudo. Depois nas praças, estes são os piores, não querem marrar. No campo a gente vê logo como são. Já tem acontecido dizer ao meu patrão e ele depois confirma quando vai à corrida. Quando dão aqui muito trabalho são uns malotes, não querem mecha” afirmou com determinação, legitimada por muitos anos de experiência.

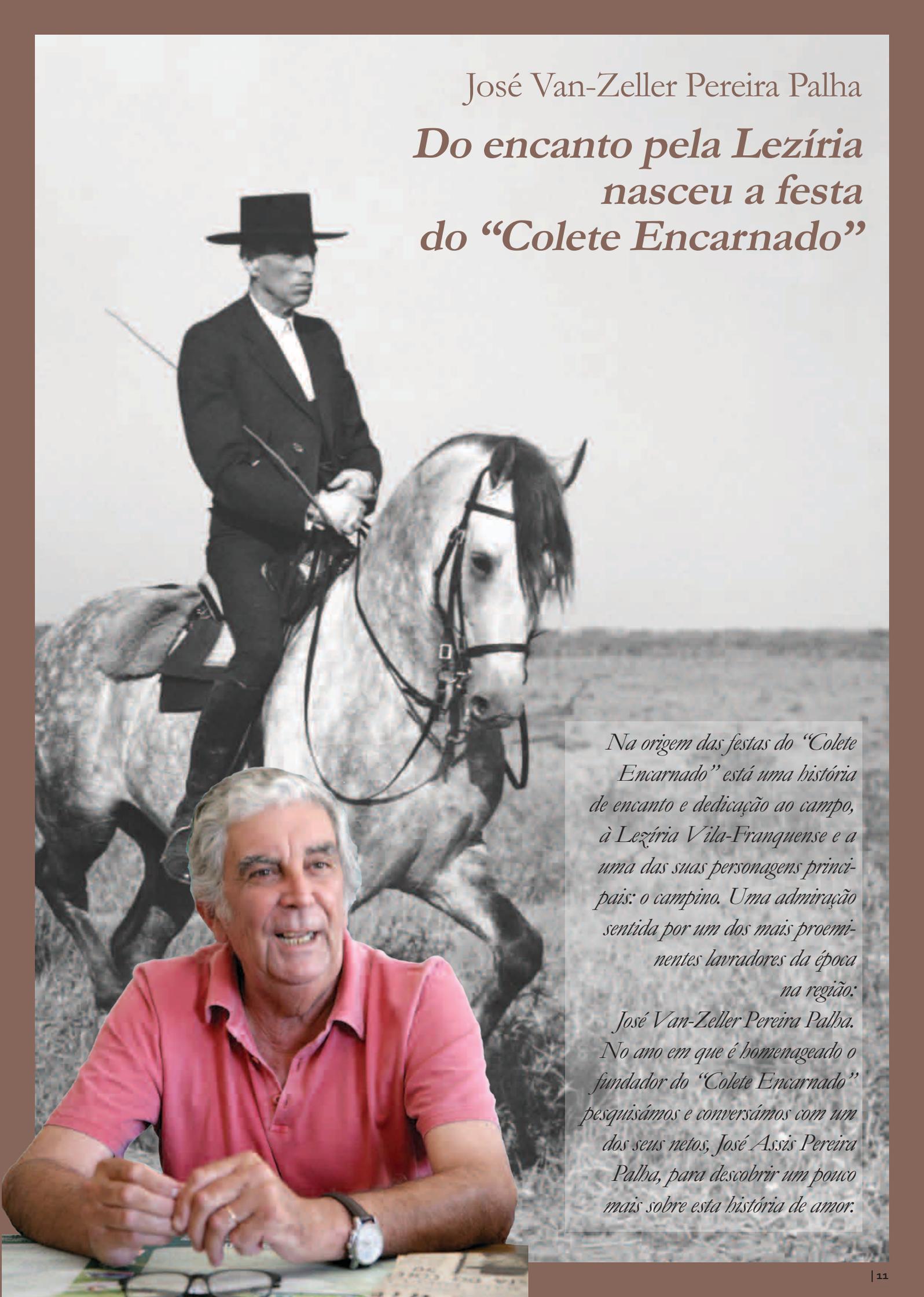
Prossequindo disse ainda que “às vezes até na altura de meter os brincos aos bezerros, há chatices com as vacas. Temos de brigar com ela ou ela connosco. Mas faz-se bem, é preciso é calma”, professou Lúcio Batista, que conhece, um a um, todos os animais que tem à sua guarda. “Há uns mais perigosos que os outros e eu sei distingui-los. É preciso cuidado porque eles não conhecem ninguém. O toiro é bicho ruim, quando vem para cima de nós, vem”, concluiu.

A título de exemplo veio-lhe à memória um valente toiro “cá da casa, que foi toureado pelo Mestre Batista, em Almeirim e que foi bravíssimo. Foi para aí há 40 anos e ainda me lembro que lhe partiu o nariz. Partiu-o todo quando o mandou do cavalo abaixo”.

Apartado para Almeirim por Lúcio Batista, o momento cristalizou-se na memória, por ter dado origem a um episódio infeliz na história da tauromaquia. Ossos do ofício, da Festa Brava. Mas, ao longo dos seus 50 anos ao serviço da campinagem, maneou muitos outros animais de respeito. A sua carreira, a sua dedicação ao ofício do pampilho, vão ser objeto de uma homenagem dos seus pares, de Vila Franca de Xira, das Festas do Colete Encarnado, evento que, há 81 anos, distingue a nobreza deste profissional do campo.

Texto Prazeres Tavares
Fotografia Ricardo Caetano





José Van-Zeller Pereira Palha
*Do encanto pela Lezíria
nasceu a festa
do “Colete Encarnado”*

Na origem das festas do “Colete Encarnado” está uma história de encanto e dedicação ao campo, à Lezíria Vila-Franquense e a uma das suas personagens principais: o campino. Uma admiração sentida por um dos mais proeminentes lavradores da época na região:

José Van-Zeller Pereira Palha. No ano em que é homenageado o fundador do “Colete Encarnado” pesquisámos e conversámos com um dos seus netos, José Assis Pereira Palha, para descobrir um pouco mais sobre esta história de amor.



José Van-Zeller Pereira Palha foi o homem que esteve na raiz da realização do “Colete Encarnado”, no ano de 1932. Era neto de José Pereira Palha Blanco, a quem se deve a construção da centenária Praça de Toiros Palha Blanco, em Vila Franca de Xira, e que, segundo a literatura, foi considerado pelo Rei D. Carlos como o “Rei dos lavradores portugueses”. O patriarca, de origens alentejanas, fixou-se nestas terras ainda jovem e aqui fez crescer uma família e ergueu um império agrícola dos mais importantes e inovadores do País, à época.

José Van-Zeller Pereira Palha nasceu a 16 de novembro de 1895. Na sequência de doença do avô, assegurou, a partir de 1924, a gestão da Casa agrícola e da ganadaria Palha. Manteve-se nessas funções até 1942, altura em que se procederam às partilhas na família, na sequência da morte do patriarca (1937).

Para além da atividade agrícola, o seu neto, José da Cunha Pereira Palha, recorda que o avô era um homem muito ativo e interveniente na sociedade em Vila Franca, principalmente ao nível das associações e coletividades.

Do mesmo nos dá conta a filha de José Van-Zeller Pereira Palha, Maria Teresa Pereira Palha, num texto de 1998, em que refere que o pai “presidiu à Assembleia Geral e Direção dos Bombeiros Voluntários de Vila Franca de Xira, foi sócio honorífico do Ateneu Artístico Vilafranquense, colectividade que muito estimava, presidiu também à Associação Fraternal dos Artistas Vilafranquenses e foi um excepcional articulista do jornal *Vida Ribatejana*”.

Este texto surge como introdução a uma exposição de fotografia realizada nesse ano, com trabalhos do lavrador. Esta paixão pela arte é também uma das mais marcantes facetas da sua persona-

lidade, sendo conhecidas as suas coleções de fotografia, muitas delas de inspiração campestre. “A coleção brutal que eu tenho de álbuns, com ninhos de cegonha, com todas as capelas e catedrais da Península Ibérica ... É um mundo. Era um homem que se apaixonava pela arte e pela natureza e que depois transformava em fotografia e tinha grandes recordações disso”, lembra o neto.

Para a captação das mais belas imagens, em muito contribuíam os momentos de observação e contemplação de que usufruía com prazer. O mesmo sentimento o acompanhava nas suas idas ao campo, em que fazia questão de conviver diretamente com os campinos e com o seu trabalho.

Da combinação destas duas vertentes terá surgido a ideia de fazer a festa. Tal como é relatado numa entrevista ao jornal “Vida Ribatejana” em 1971, pelo próprio: “O ambiente da lezíria, com todos os seus atrativos, seduziu-me sempre. Por isso grande parte da minha vida passei por lá em convivência constante com campinos (...) e um dia nessas minhas andanças (...) observando tudo quanto à minha volta havia e se passava, acudiu-me ao pensamento a ideia de organizar uma grande festa na qual fosse bem posta em foco a figura ímpar do campino. Para tanto não faltavam os elementos necessários. E convencido desta verdade, meti mãos à obra. Festa do Colete Encarnado pareceu-me o nome mais próprio e mais sugestivo que devia de ser dado. (...) E assim aconteceu. Em junho de 1932, quando teve início a festa, Vila Franca viu desfilar nas ruas, e pela primeira vez, um tão grande número de campinos. Eram, ao todo, sessenta ...”.

Apesar de ter tido a ideia, José Van-Zeller Pereira Palha sempre fez questão de afirmar que não fez a festa sozinho. Também o seu neto



quis sublinhar bem esse facto, citando, para isso, as palavras de uma entrevista dada pelo seu avô ao mesmo jornal: "os principais colaboradores nas primeiras festas foram: Vila Franca em si própria, com todo o seu casticismo, o Fausto Dias e o seu jornal "Vida Ribatejana", Júlio Pelouro, Raul de Carvalho, Capitão Zé Maria Guedes, Rudolfo dos Santos e Noel Perdigão, entre outros." Os campinos que desfilaram pertenciam à sua própria casa agrícola, mas também da Companhia das Lezírias e de casas do Ribatejo inteiro. José Pereira Palha (neto) considera que não terá sido difícil convencer os vários lavradores a deixar participar os seus campinos, porque consideraram a festa bonita e merecida.

Questionado sobre se o fundador do Colete Encarnado gostaria da festa de hoje em dia, José Pereira Palha não tem dúvidas: "Gostava. Isso pode ter a certeza que sim. Pode ter a certeza que sim". Sobre as mudanças e evoluções dos tempos, o neto recorda que o avô contava sempre que já tinha passado por muito e que as evoluções sociais eram normais. "Isso é tudo normal que eu também apanhei isto – a chegada da República e as mudanças de Governo todas – só que há uma coisa que vocês não se podem esquecer: É que à evolução não lhe pode faltar educação. Era uma frase dele que eu nunca mais me esqueci. À evolução nunca se esqueçam da educação.", enfatiza. Sobre o avô, o neto recorda ainda: "Tinha uma cultura fora do normal, com uma vivência social e artística extraordinária. Do político mais alto ao político mais baixo, do cigano ao varino, era uma pessoa que recebia toda a gente em casa, e todos da mesma forma. Não havia qualquer distinção nas amizades dele. Depois era uma pessoa muito comunicativa. Tinha uma faceta engraçada: um senso de humor muitas vezes sarcástico, mas sem nunca ofender. Era muito bem-humorado, mas de vez em quando dava uma alfinetada, mas sempre com o maior respeito por toda a gente. Não deixava de dizer o que tinha para dizer, mas sem chegar ao ponto da pessoa ficar ofendida, e ainda ter que se rir, pela forma como ele dizia."



Da Família à Comunidade

Para além de lavrador e homem dedicado à família, José Van-Zeller Pereira Palha teve sempre um papel ativo na sociedade civil, chegando a exercer o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira entre julho de 1934 e abril de 1945, depois de passar pela vereação entre outubro de 1932 e julho de 1934.

A ele se atribui a realização de uma reputada Feira de Gado e Máquinas Agrícolas nos anos 1928 e 1930 em Vila Franca de Xira; um forte contributo para a construção da Ponte Marechal Carmona, nomeadamente pela sua relação de grande proximidade com o primeiro-ministro António de Oliveira Salazar; melhorias e fixação do nome de "Constantino Palha" à Avenida que corresponde ao atual Jardim de Vila Franca de Xira (em homenagem a seu pai, também muito querido pela população) e ainda o contrato de abastecimento de água potável no Concelho no ano de 1945.

Sobre o trabalho em prol da população do Concelho, o neto justifica que ele se deve ao facto do avô ser um apaixonado também pelas pessoas. "Vivia para as pessoas, tinha um carisma muito especial, que nenhum de nós tem, acho eu. E preocupava-se com muita coisa. E, se calhar, por causa disso ele pensou que podia ser útil a Vila Franca", afirma. No entanto, faz questão de salientar que esta atividade política só era interessante no que ao território de Vila Franca de Xira dizia respeito: "Era mais político da sua terra do que um político com grandes objetivos. A zona dele era a paixão dele. Não lhe fazia falta mais nada".

Texto Susana Santos
Fotografia Vítor Cartaxo
e Família de José Van-Zeller Pereira Palha

O Colete Encarnado sofreu um duro golpe no seu 80.º aniversário. Malgradamente, a Cerimónia de Homenagem ao Campino não contou com a presença de um homem que fez escola na arte do maneio do gado bravo. A consternação imperava. A ausência daquela figura mítica das Lezírias, ancião na arte de campinar, foi denotada com profundo pesar. Era definitiva, mas, acima de tudo, não tinha precedentes. A Festa de homenagem ao Campino era um compromisso que honrava escrupulosamente. Restou aos pares comungar da eterna saudade. O respeito que lhes mereceu a sua carreira, catapultou o seu nome para o Pampilho de Honra. “Zé” Canário estará inscrito na vara do Campino Homenageado 2013.

Zé Canário

distinguido com Pampilho de Honra

Entre estes profissionais esta distinção é a derradeira homenagem. Para Vila Franca de Xira, o merecido preito à carreira de um homem destro na arte do maneio do gado bravo. Aliás, cidade que já o tinha reconhecido em duas ocasiões: Campino Homenageado (1989, Colete Encarnado) e Cidadão de Honra (2010, Junta de Freguesia). Dominava os preceitos ancestrais do ofício e foi o seu fiel guardião. Respeitava escrupulosamente os seus ensinamentos e fazia questão que todos o fizessem. A disciplina era sagrada, inclusivamente no que concerne à farda. Estivesse a trabalho ou a lazer, apresentava-se, sempre, imaculadamente. Os recursos humildes nunca foram impedimento para cumprir com o estipulado na tradição da campinagem. Fardou durante toda a sua vida. Mesmo depois de reformado, o hábito manteve-se. Até na ida para a sua última morada foi respeitado.

Aos 90 anos, no malfadado dia 29 de maio de 2012, a sua vida esvaiu-se. Tinha chegado a hora da despedida. A sua vida desenrolou-se em função da sua arte. Abraçou o ofício aos cinco anos, foi para ajuda do pai na Casa Carlos Gonçalves. Retirou-se aos 70 anos, da Casa Balancho, de João Villaverde. Foram 65 anos a trabalhar no maneio do gado, exceto quando, aos 20 anos, cumpriu com o serviço militar obrigatório. No regresso à sua terra amada, Vila Franca de Xira, assumiu a função de contra maioral da tralhada, na Casa Agrícola Júlio Borba (Campo de Vila Franca de Xira). Passou pela Casa Agrícola Barata e Nechas e, quando esta se extinguiu, ingressou na de Manuel Assunção Coimbra, onde desem-

penhou a função de maioral dos toiros, durante 28 anos. No seu riquíssimo currículo estão ainda referenciadas a Casa Camarate, Ernesto de Castro, Quinta da Foz.

Quem privou com ele descrevia-o como sendo um homem obstinado, de opiniões firmes. Tinha o coração e a alma preenchidos pelo seu trabalho. Ainda assim, houve lugar a pequenas distrações na sua vida. Sobre os seus tempos de juventude também grassam histórias de ter sido um grande galanteador. Outrora a Lezíria, na época em que o trabalho agrícola era maioritariamente manual, foi povoada por ranchos de mulheres. Terminada a lide, o convívio com os garbosos cavaleiros, elite dos assalariados do campo, era muitas vezes mote para fugazes namoricos e algumas histórias de amor. Os bailaricos improvisados após a jorna, animados pela concertina e pela gaita de beijos, eram uma das poucas formas de convívio existentes naqueles tempos, pelo que eram momentos de ócio saboreados intensamente. “Zé” Canário referia-se-lhes sempre com grande revivalismo e acompanhado de um semblante malicioso.

Amava a terra, os animais, o campo, o seu ofício. Trabalhava sempre com muita responsabilidade e empenho. Dir-se-ia que se dedicou à arte que abraçou em petiz, mais intensamente do que à sua própria vida. Não trabalhou para ganhar a vida. Ganhou a vida fazendo o que lhe deu prazer. Era apologista de que para vencer no ofício, as funções tinham de ser desempenhadas com gosto, não se podia ser campino a pensar no ordenado. Aliás, dizia-o

com a firme convicção de alguém que superou todas as agruras associadas às lides do campo. A maior parte da sua vida laboral foi passada sob condições muito adversas. Antes dos campos estarem vedados com arame, o gado era guardado, 24 horas por dia, fizesse chuva ou sol, calor ou frio, pelos campinos. A responsabilidade pelo controlo das reses era um fardo de monta. “Zé” Canário dormiu muitas vezes junto do gado, a maioria dos anos numa humilde barraca de madeira. Apenas desfrutou de um teto forrado a telha nos últimos anos de serviço e quando passou à reforma.

As agruras foram ultrapassadas com resiliência. Eram encaradas como fazendo parte da contingência de ser um bom profissional,

síveis e selvagens. Perigosos no maneo, ou *quicá* por serem uma parte decisiva na sua querida Festa Brava. E não há dúvida, que ao longo da sua carreira, ajudou a criar e a apurar um número sem conta destes animais.

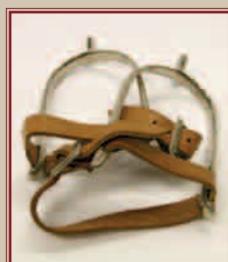
Mas, a sua luta em prol total da *afición* não ficou por aqui. Entre 1977 e 1989, foi o responsável pelas esperas de toiros e pelos campinos, no Colete Encarnado e na Feira Anual de outubro. Mas, a sua participação nestes dois eventos, já remontava há mais de 40 anos. Não faltava às esperas da sua amada Vila Franca de Xira. Fazia-o com muito prazer, devoto à tradição da sua terra. Enchia-o de orgulho poder contribuir para manter viva a arte de campinar,



da galhardia com que desempenhava o seu ofício. Os sacrifícios faziam parte das memórias. Não condicionaram ou enfraqueceram a sua personalidade. Quando a idade o forçou a ir para casa, no coração de Vila Franca de Xira (o n.º 59 da Rua Miguel Bombarda), os interesses e as conversas do dia a dia, giravam em torno do meio que lhe era querido. O tom era sempre entusiasmado e vigoroso. Nunca houve vislumbre de arrependimento por ter enveredado pela vida da campinagem. A vocação ficou, até ao seu último suspiro.

Foram mais de seis décadas a trabalhar e a enriquecer o seu ofício. Fez escola. Era uma autoridade no ramo. A pequena estatura contrastava com a postura, sempre altiva. Tinha orgulho no que fazia, a experiência legitimava a atitude e o currículo corroborava-o. Tinha tido responsabilidades em grandes casas agrícolas e trabalhado com grandes nomes da campinagem. Aliás, reconhecendo-lhe as qualidades para a arte, foi o respeitado José Tavares, que o convidou para a Casa Coimbra. Foi ali que começou a lidar com gado bravo, o que lhe dava muito prazer. Ainda que fosse exímio a montar, os touros eram a sua alegria. Talvez por serem imprevi-

a *afición*. Ano após ano, o primeiro fim de semana de julho era-lhe particularmente caro. Fazia ponto de honra na sua presença. Este ano, ao inscrever o seu nome no Pampilho de Honra, a empunhar pelo Campino Homenageado, o Colete Encarnado presta, mais uma vez, tributo à sua dedicação, distinguindo postumamente este campino, uma referência na história da Festa Brava, na cultura Ribatejana.



Texto Prazeres Tavares
Fotografia Helder Dias e família de José Canário

**“O toiro bravo é uma criação do homem,
sem a sua intervenção os toiros eram apenas bravios.”**

JC

JC **Ganadaria Jorge de Carvalho**

Sedeada no Concelho de Arruda dos Vinhos, com 45 anos de existência a Ganadaria detida pelo Eng.º Jorge de Carvalho tem ao longo da sua existência desenvolvido a sua atividade procurando acompanhar a evolução dos tempos. Desde as origens até ao presente, um percurso a acompanhar.



Desde 1968 nas Praças Portuguesas

Fundada em 1968, em Arruda dos Vinhos, a ganadaria Jorge de Carvalho iniciou a sua atividade, inserida na Casa Agrícola com o mesmo nome. A produção teve início com 30 vacas da Herdade de Camarate e um semental Teles Branco, atualmente denominada de Lopes Branco com origem visconde de Fontainhas, tendo este efetivo ficado sedeado naquele Concelho.

Até essa data Jorge de Carvalho, já se encontrava ligado aos toiros, uma vez que desenvolvia a atividade de cavaleiro amador, tendo dividido a arena com grandes nomes do toureio a cavalo de então. A sua última corrida realizou-se em 1971, na Palha Blanco em Vila Franca de Xira na noturna de 4 de Outubro da Feira Anual, numa grandiosa corrida mista com o saudoso José Mestre Batista, o Maestro Mário Coelho e outras figuras.

Com o crescimento da ganadaria e o aumento do número de animais, Jorge de Carvalho alarga a sua área de intervenção e expande-se para Vila Franca de Xira transferindo em 1972 para a Quinta da Granja, Freguesia das Cachoeiras, o efetivo das fêmeas e em 1973 os erales entretanto existentes, mantendo em Arruda dos Vinhos os novilhos e toiros.

Os primeiros toiros da ganadaria saíram à praça em 1973, sendo que a partir desse ano



várias novilhadas e corridas foram sendo lidadas em várias praças do País, de onde se destaca uma corrida anualmente realizada na Nazaré, que se realiza até hoje, funcionando esta Praça como “amuleto” para a Ganadaria pois todas sem exceção se têm traduzido em êxitos.

De 1980 a 1984 foi introduzido um semental de encaste “Urquijo”, pertencente à ganadaria Jose Samuel Lupi lidado na praça de toiros de Santarém pelo Mestre David Ribeiro Telles, com o intuito de introduzir toiros mais encastados. Nesse período, os produtos resultantes tinham mobilidade e codícia, proporcionando muita emoção nas lides. Nessa fase foi eliminado todo o efetivo reprodutor original da ganadaria (Herdade de Camarate) mantendo-se o F1 resultante do “Urquijo”.

Em 1982 a atividade da ganadaria chegou também ao Concelho de Benavente, sendo que nesse ano foi transferido para a Freguesia de Santo Estevão o efetivo das vacas de ventre, e em 1984 todo o efetivo que se encontrava em Arruda dos Vinhos foi transferido para a Quinta da Granja, em Vila Franca de Xira.

Até ao início dos anos 90 a vacada foi aumentando, fruto da seleção em tentas com sementais com o ferro da casa, mas com a introdução dos sementais da ganadaria Oliveira e Irmãos foi decidido eliminar todos os sementais com ferro da casa, em virtude da dureza dos toiros daí resultantes que se haviam tornado incómodos para os toureiros e forçados. O resultado da introdução destes sementais na ganadaria, foi a criação de uma boa base de fêmeas reprodutoras.

Sempre procurando novos espaços para acomodar os animais e fazendo face às constantes necessidades de desenvolvimento da própria ganadaria foram ocorrendo nos anos seguintes novas alterações, tendo o efetivo da ganadaria, entre os anos de 1993 e 2012 passado pela Herdade da Aroeira, Azambuja, Lezíria Norte de Vila Franca de Xira e Alcáçovas.

Também no que diz respeito ao apuramento das linhagens a evolução foi sendo permanente, sendo em 1995 introduzido um outro encaste, um toiro castanho da ganadaria Antonio Charrua, o cruzamento resultou com os machos com muita mobilidade e nobreza, melhorando significativamente as suas condições de lide.

A partir dessa data e com a introdução de mais dois sementais da linha Oliveira, os toiros daí resultantes começaram

a ter condições para a lide a pé e desde então a ganadaria apostou na seleção para esse fim, passando todos os anos preparar toiros para corridas mistas, pois conforme palavras do ganadero “A triagem é feita a pé, ou seja, um toiro preparado para o toureio a pé está preparado para tudo”.

Durante a primeira década do novo milénio a ganadaria ascendeu a uma posição importante no panorama tauro-máquico nacional, lidando por época mais de 40 novilhos e toiros em todas as Praças de Portugal Continental e Açores, toiros que em muitas ocasiões foram premiados pela sua apresentação e bravura (ver caixa).

No início do presente ano acontece uma nova reestruturação, fruto do decréscimo da procura dos últimos anos e a ganadaria regressa às origens, ou seja a Arruda dos Vinhos, encontrando-se atualmente neste Concelho 30 vacas de puro encaste Oliveira com 2 sementais e todo o restante efetivo nas Alcáçovas, com exceção do acabamento dos toiros que ocorre no Porto Salazar em Azambuja e na Lezíria Norte de Vila Franca de Xira, sendo este o efetivo que irá prosseguir a linha do toiro bravo da ganadaria.

Um Ganadero à Frente do seu tempo

Pioneiro na negociação de toiros para espetáculos de rua, esperas e largadas, tendo por isso sido muito criticado pelos seus pares no final da década de 60 e início da década de 70, encara com naturalidade que no presente a maior parte das ganadarias tenha aderido a esta vertente do negócio, uma vez que a criação de gado bravo tem de ser rentável.

Apesar disso Jorge de Carvalho é muito crítico face à realidade atual, “As largadas de toiros nunca deveriam exceder uma hora de duração, sendo este o período máximo aceitável para um toiro estar na rua, uma vez que os excessos que



em alguns locais se praticam não contribui, nem para a dignidade do animal, nem para o sucesso do espetáculo” diz. Por esse facto pensa agora em desistir desta vertente de negócio, uma vez que na sua opinião, fundamentada na sua experiência, algum público não respeita os animais, existindo situações de total humilhação que não deveriam acontecer e que é necessário extinguir, aprovando-se legislação



em Portugal, transpondo diretivas comunitárias já existentes, acerca do bem-estar animal.

Não sendo como muitos podem julgar um contrassenso, Jorge de Carvalho tem no percurso da atividade da sua ganadaria procurado sempre trabalhar visando o bem-estar dos animais que cria. As condições dos espaços onde os seus toiros, vacas e bezerros pastam, o fornecimento de cuidados veterinários permanentes aos seus animais e também a procura de novas formas de ferrar, substituindo a ferragem a fogo são disso exemplos.

A consciência da intervenção humana no aperfeiçoamento das linhagens do toiro bravo está bem presente no trabalho do dia-a-dia e é fundamental para que a raça não se extinga o que exige uma permanência de cuidados, para Jorge de Carvalho "O toiro bravo é como um gladiador que é preparado para o combate, é um atleta e tem de ser treinado para não se deixar derrotar".

Tauromaquia – Uma tradição a perpetuar

Para Jorge de Carvalho o futuro da atividade tauromáquica em Portugal passa por diferentes fatores que se complementam e se interligam. A seriedade dos empresários, a variedade dos cartéis, a seleção de curros de qualidade, a aposta em corridas mistas, e os apoios das autarquias são fundamentais para que a festa não esmoreça e que continue. "Um dos grandes pilares das corridas de toiros têm de ser as autarquias, que devem preconizar os produtos das suas terras. As Câmaras Municipais têm um papel fundamental na continuidade da Festa".

Os empresários têm de garantir a viabilidade económica do negócio, concorrendo entre si de forma leal e o público necessita de sentir arrepios e emoção, só assim é possível" conclui.

Jorge de Carvalho refere ainda a importância das corridas televisonadas uma vez que estas contribuem muito para a angariação de novos aficionados, sobretudo jovens, que de outra forma não teriam contacto com a tauromaquia, sendo reflexo disso os grandes níveis de audiências das transmissões, alertando no entanto que os empresários não devem exagerar, pois a emissão de corridas em excesso, conjugada com a crise económica, também pode tirar público às Praças.

Sendo professor no Instituto Superior Técnico em Lisboa, contactando no seu dia-a-dia com diferentes sensibilidades no que respeita à Festa dos toiros, Jorge de Carvalho é extremamente crítico face aos movimentos anti-taurinos, uma vez que "querem apenas impor as suas ideias e as suas vontades aos outros, é um espetáculo pago e só vai quem quer" diz, salientando o papel da Associação Pró-Toiro na defesa das tradições tauromáquicas e dos seus atores.

Uma ganadaria com futuro

No que diz respeito ao futuro da ganadaria, a mesma encontra-se inserida na respetiva Casa Agrícola, o que por si só garante alguma sustentabilidade.

A procura de conjugar a criação do toiro bravo com as diferentes atividades agrícolas da casa, está presente não só na gestão do próprio negócio, como também na partilha dos espaços, pois tanto em Arruda dos Vinhos, na lezíria Vila-Franquense ou em Azambuja a produção agrícola está apenas do outro lado da vedação.

Esta coabitação entre os toiros e a vinha ou as searas de tomate, consiste num marco diferenciador da ganadaria Jorge de Carvalho, procurando desta forma uma rentabilização dos espaços, mas também um regresso às origens quando esta situação era a regra e não a exceção.

Uma variante do negócio é a comercialização da carne de toiro bravo e vitela brava, que é realizada desde há mais de 20 anos, sendo que existem alguns restaurantes que confeccionam vários pratos com base neste ingrediente.

Jorge de Carvalho tem na sua filha, Engenheira Agrónoma de formação, o seu braço direito na gestão quer da ganadaria, quer na Casa Agrícola, "É muito sensível na análise dos toiros e muito rigorosa nos aspetos financeiros da gestão da empresa" reconhece, embora saliente igualmente o papel fundamental dos funcionários da casa, alguns com largos anos de ligação e de trabalho conjunto, com quem, sem qualquer tipo de problema, assume que tem aprendido muito.

Após alguns anos menos bons, na presente época existem muitas corridas já agendadas, com uma perspetiva de que sejam lidados mais de 50 toiros, o que Jorge de Carvalho assume ser o reconhecimento do trabalho desenvolvido, apesar da crise que se atravessa.



Toiros Premiados a destacar:

Toiro n.º 71 "Papagaio"
Lidado a 1 de maio de 1983, pelo cavaleiro José Mestre Batista no concurso de ganadarias em Vila Franca Xira, em direto pela televisão.

Toiro n.º 203
Lidado pelo cavaleiro Francisco Núncio na Figueira da Foz em 1995

Toiro n.º 112
Lidado a 17 agosto de 2001 pelo cavaleiro Rui Salvador no concurso de ganadarias em Arruda dos Vinhos.

Toiro n.º 195
Lidado a 21 de agosto de 2006 pelo cavaleiro Manuel Lupi em Samora Correia.

Toiro n.º 214
Lidado a 6 de julho de 2007 pelo cavaleiro Luís Rouxinol na Vidigueira.

Toiro n.º 191
Lidado a 4 de agosto de 2007 pelo cavaleiro António Ribeiro Teles na Nazaré.

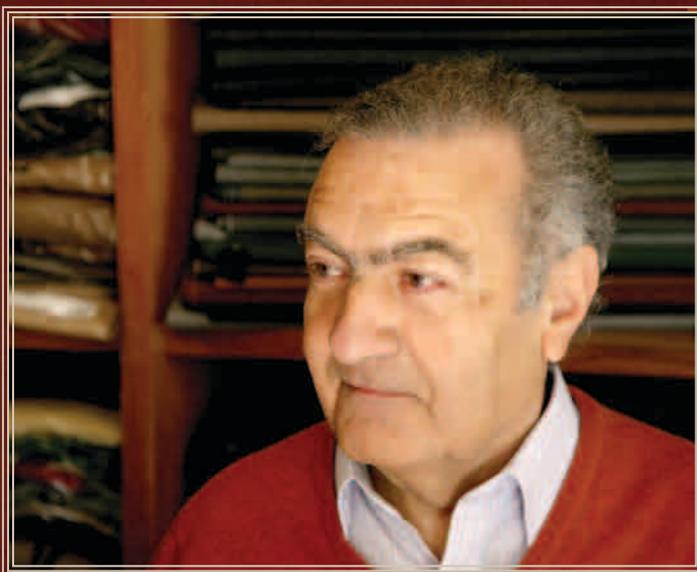
Toiro n.º 231
Lidado a 9 de agosto de 2008 pelo Matador Luís Procuna na Nazaré.



Texto Cláudio Lotra
Fotografia Ricardo Caetano

Alfaiataria

A elegância Palha *da festa brava*



Nascido e crescido na pacata vila de Alter do Chão, no distrito de Portalegre, Francisco Dias Palha habituou-se, desde cedo, a mexer em tecidos e alfinetes. Vindo de uma linhagem de alfaiates (pai, irmão e dois tios) tinha nele a curiosidade necessária para aprender e evoluir na milenar e prestigiante profissão.

Quis o incontornável destino que, precocemente, perdesse o pai e, aos 14 anos, visse o mestre alfaiate João Aço substituir o seu genitor no ofício da família. Pediu então que fosse ele a ensinar-lhe tudo o que sabia sobre aquela arte. O mestre prometeu-lhe explicar o corte, conta Francisco, hoje com 73 primaveras, “mas só se me portasse bem”, recorda as palavras do professor. E assim foi. Se o ofício recebeu de herança, depressa se tornou vocação. Anos passados, o aprendiz ouviu aquilo por que tanto ansiava: “Já sabes o suficiente. Vai para Lisboa, vais fazer-te um grande alfaiate”, reproduz Francisco emergido nas recordações.

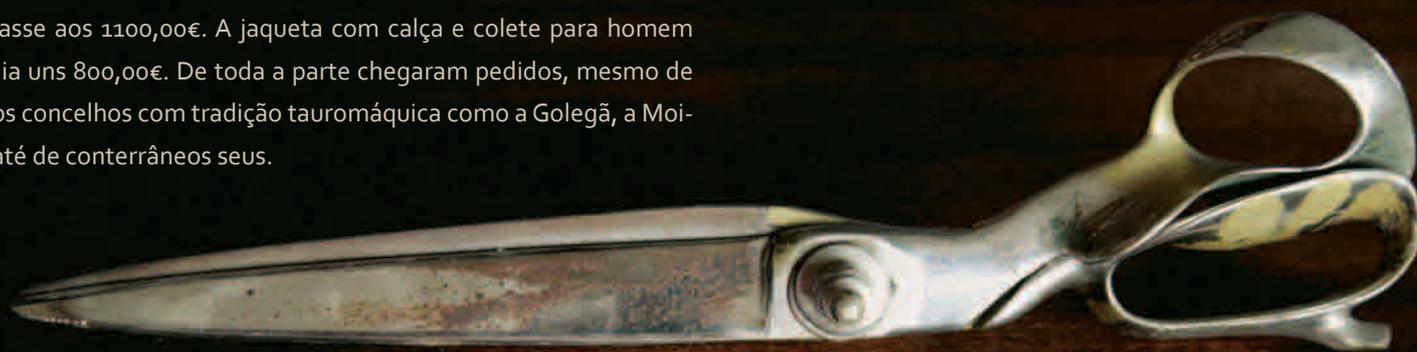
Ora, com um empurrão do seu amor de longa data, conhecido aos 16 anos num bailarico e que viria a ser a sua mulher, lançou-se à aventura. Aos 17 anos chegou à Capital. Numa época em que se contavam para cima de cem as alfaiatarias e camisarias na baixa pombalina, Francisco integrou algumas das mais afamadas casas como a Santos e Nascimento, Leandro e Pessegueiro e a Valbom e Barata. Conta que, quando chegou a Lisboa como meio-oficial, “metia os oficiais de alfaiate no bolso, nem todos sabiam pregar mangas e golas e é essencial!” Destes tempos recorda o habilidoso mestre Mário Silva Figueiredo, com quem apreciou muito trabalhar “ali no Largo da Anunciada, ainda não tinha dado a ordem já eu tinha executado a tarefa que me cabia”.



Abraçando a tradição

Em 1961 vem para Vila Franca de Xira trabalhar para Inácio Maria da Costa, na rua Almirante Cândido dos Reis. Com o rosto visível de um orgulho passado, conta que veio “tomar conta de 22 mulheres”. Confessa que foi exigente com as costureiras, pois reconhece que é meticoloso, “ser alfaiate é uma segunda pele que se veste”, justifica. Sabendo talhar, cortar e executar qualquer peça e com toda a experiência acumulada foi tempo de estabelecer-se por conta própria.

Em dezembro de 1972 abriu a Alfaiataria Palha. Nesse mesmo dia “tirei vinte e tal medidas!”. Além do habitual paletó e outras peças de cerimónia, abraçou a tradição do Concelho e passou a dedicar-se às indumentárias típicas, nomeadamente trajas de equitação e de campino. Explica que o primeiro demorava entre cinco a seis dias a fazer, sendo mais caro do que o de campino. Geometricamente cortada, ou não fossem o esquadro, a régua (ainda do tempo do pai) e a fita métrica, algumas das principais ferramentas de trabalho, a acolchoada jaqueta era porventura a peça que requeria mais atenção. Levava-lhe dois dias a fazer, já a calça dia e meio. Explica que para o traje de senhora fazia saia e acrescentava-lhe a calça, talvez por isso o mesmo chegasse aos 1100,00€. A jaqueta com calça e colete para homem atingia uns 800,00€. De toda a parte chegaram pedidos, mesmo de outros concelhos com tradição tauromáquica como a Golegã, a Moita e até de conterrâneos seus.



Por altura da Feira da Golegã chegou a talhar 15 trajas curtas e recorda-se que o último que fez levou-o o cavaleiro Joaquim Bastinhas.

Fidelizou gerações, para o que contribuiu, como explica, o preceito no trabalho, desde o molhar dos tecidos à rigorosa marcação com giz, do corte com precisão milimétrica às provas. Como essencial no ofício fala de um pesado ferro a carvão que, a par de uma grande e afiada tesoura, contribuíram para transformar tecido em fatos únicos e ajustados a cada cliente. Recusa as “modernices como os moldes ou a cola usados no pronto-a-vestir, isso não é ser alfaiate”, replica, “o cliente que leva as minhas peças sabe que vai a 100%!” Com este brio no trabalho, a alfaiataria Palha conferiu brilho à Festa Brava. A elegância dos seus trajas encheu muitos olhos e engradeceu a beleza de inúmeros eventos equestres e de índole tauromáquica.

Passados 41 anos, na sua loja, as prateleiras ocupadas com fazendas, cachemiras, alpacas, lãs e de outros tecidos não denunciam a mudança de costumes no ritual de mandar fazer o fato por medida. Francisco ainda corta e costura, “mas agora é mais para passar o tempo...” diz saudosista.

“Sempre gostei muito disto. E nesta arte estamos sempre a aprender, até porque temos de estar atualizados com a moda”, remata, ainda hoje, apaixonado pela profissão.



casa sônia

25 Anos ao Serviço das Gentes da Festa

Um negócio com passado, presente e futuro

Foi há 25 anos que Alice Lambuça tomou conta do negócio da família, uma pequena retorsaria gerida até então pela mãe, que para além dos artigos próprios daquele ramo também funcionava como pronto-a-vestir, com produção própria.

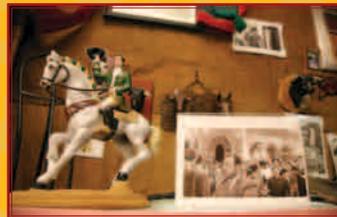
Enfrentando uma grande concorrência de outros estabelecimentos semelhantes existentes na cidade de Vila Franca de Xira, Alice Lambuça cedo sentiu a necessidade de diversificar o negócio e respondendo ao seu gosto pela Festa Brava foi trazendo para a sua loja artigos relacionados com a mesma e confeccionando peças de vestuário destinadas aos seus atores. Sendo uma aposta ganha, uma vez que a procura desses artigos foi crescendo, o nome Casa Sónia foi ganhando clientes entre as gentes da Festa, Campinos, Forcados, Ganaderos, Toureiros, Equitadores e proprietários agrícolas que começaram a procurar o estabelecimento para adquirir algumas peças de fardamento para os seus funcionários.

De entre os seus clientes destaca alguns nomes sonantes, Nuno Casquinha, Família Ortigão Costa e a Ganadaria Sesmarias Velhas do Guadiana.

A proprietária reconhece que apesar de aficionada, no início não foi fácil uma vez que não conhecia a denominação de grande parte dos artigos e teve de adquirir esse conhecimento com os clientes que a ajudaram.

Hoje, os principais artigos que vende, conforme a mesma refere, "são barretes, também as mantas lobeiras, calções de campino e forcado, meias e sapatos têm procura", para além das peças que durante as Festas do Colete Encarnado e Feira Anual vende aos turistas e emigrantes, "sobretudo artigos que digam Vila Franca de Xira ou Portugal", cita.

Sendo uma loja considerada especializada, a Casa Sónia já foi alvo de uma reportagem de uma estação de televisão o que segundo a sua proprietária foi muito bom para o negócio, aumentando as visitas e com consequências muito positivas nas vendas.



Quanto ao futuro do negócio, Alice Lambuça não é muito otimista, uma vez que nenhum dos seus três filhos se dispôs, para já, a assegurar a continuidade do mesmo, mas apesar disso reconhece que continuará a haver mercado pois a Festa Brava continuará certamente a ter artistas e seguidores, logo clientes para os seus artigos.

Uma “oficina” de saber

Tendo aprendido cedo com a mãe a trabalhar com a máquina de costura, esse saber constituiu-se como uma mais-valia para responder às necessidades do novo negócio, uma vez que os seus clientes procuram as peças que a própria confeciona, feitas à sua medida. “Sejam



campinos ou forcados, as peças são feitas à medida do cliente, embora tenha sempre algumas peças já feitas porque o bom português guarda tudo para ontem, sendo apenas necessário efetuar as emendas e os ajustes”. Utilizando sobretudo fazendas, os calções de forcado e os calções e coletes de campino vão ganhando forma às mãos de Alice Lambuça, que com destreza maneja a máquina de costura, sua companheira de tantas horas, uma vez que não tem nem nunca teve colaboradores. Os outros artigos de vestuário que não produz, mas que vende na loja, samarras, casacos, camisas, meias, entre outros são adquiridos segundo a mesma a “pequenos alfaiates e pequenas empresas” não existindo grandes empresas entre os seus fornecedores.

Apesar de já não produzir Capotes, uma vez que deixou de ser possível adquirir os tecidos em Portugal, também estas peças chegaram a sair da sua máquina, sobretudo os de tamanho mais pequeno, com vista a serem utilizados por crianças e jovens, como alguns alunos da Escola de Toureio José Falcão, sediada em Vila Franca de Xira. Atualmente, sendo necessário importar os tecidos de Espanha, é mais vantajoso importar os Capotes já feitos.

A inexistência de aprendizes a quem ensinar esta arte é também um dos fatores que contribui para que cada vez mais seja necessário adquirir artigos já feitos para satisfazer os seus clientes e representa um dos fatores de risco para a continuidade do negócio.

A Festa em Vila Franca e em Portugal

Admiradora dos artistas da terra como Vítor Mendes e Mário Coelho, confessa nutrir um carinho especial por José Júlio, sendo que a prova disso se encontra nas fotos desta antiga glória do toureio vila-franquense que povoam as prateleiras da loja, por entre os artigos disponíveis para venda.

No panorama nacional os artistas que prefere são Luís Rouxinol e o clã Ribeiro Telles, sendo que assiste a algumas corridas em Vila Franca e no Campo Pequeno. Adepta do Toureio a Pé, lamenta que os empresários em Portugal não apostem muito neste tipo de toureio, uma vez que não se desloca a Espanha pois não consegue assistir a corridas com toiros de morte.

Quanto aos movimentos anti-taurinos, Alice Lambuça respeita a liberdade de cada um e lamenta que alguns desses ativistas não consigam aceitar as diferentes opiniões e gostos, referindo que já se deparou “com alguns elementos muito mal-educados à porta do Campo Pequeno”.

Sendo vila-franquense participa nas Festas da maneira que pode, assistindo a algumas corridas e mantendo o seu estabelecimento aberto nas Festas do



Colete Encarnado e Feira Anual, pois conforme testemunha “É necessário estar disponível para receber os clientes e também para aumentar um pouco o volume de negócios que vai sendo também atingido pela crise generalizada do País”.

Como sugestão para a continuidade das tradições tauromáquicas em Vila Franca de Xira e incremento do número de visitantes Alice Lambuça sugere a realização de mais atividades relacionadas com a Festa Brava, sejam estas iniciativas da Autarquia, ou de outras entidades, “o que é importante é trazer mais gente a Vila Franca de Xira será melhor para a cidade e para o negócio”.

O Campino imaginários de uma identidade

Representações
nas Artes Visuais
Portuguesas

28 JUNHO A 13 OUTUBRO
Celeiro da Patriarcal
VILA FRANCA DE XIRA

Entrada Livre

Horário
3.ª - feira a domingo, 14h/19h. Encerra à 2.ª - feira e feriados.
Colete Encarnado - 5 e 7 de julho: 14h/22h; 6 de julho: 14h/24h



ORGANIZAÇÃO



Câmara Municipal
Vila Franca de Xira



PATROCÍNIO

FUNDAÇÃO
ORIENTE

APOIO



Companhia das Lezírias

Ficha técnica

Propriedade

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Direção

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira . Maria da Luz Rosinha

Edição

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Divisão de Cultura, Turismo, Património e Museus
Divisão de Informação Municipal e Relações Públicas
(DIMRP)

Redação

Ana Sofia Coelho . Cláudio Lotra . Prazeres
Tavares . Susana Santos

Fotografia DIMRP

Helder Dias . Ricardo Caetano . Vítor Cartaxo
Fotografias gentilmente cedidas

Família de José dos Santos Moreira " Zé Canário"
Jorge de Carvalho . Família de José Van-Zeller
Pereira Palha

Digitalização e tratamento de imagens DIMRP

Carla Félix . Helder Dias

Design e Paginação DIMRP

Carla Félix

Impressão

Santos & Oliveira, Lda.

Tiragem

3000 exemplares

Distribuição gratuita | junho de 2013

Esperas de Toiros

5 outubro . 16h30

6 outubro . 10h30

7 outubro . 10h30

8 outubro . 10h30

9 outubro . 10h30

Vila Franca de Xira

Feira Parque Urbano anual

5 a 13 outubro

XXXIII Salão de
Artesanato



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



LISBOA
& URBE
DO TEJO

